

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA



15

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

SET 2021

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2021**

Volume: **15**

Capa: Figura antropomórfica oculada sobre osso dos
Perdigões (Foto: António Carlos Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07	Sofia Nogueira, Lucy Shaw Evangelista, Tiago do Pereiro	
Ana Catarina Basílio, Nelson Almeida e António Carlos Valera O RECINTO DE FOSSOS DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): TRABALHOS DE 2019 E 2020 (PROJECTO SANVIT)	09	OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA IDADE DO FERRO NA HERDADE DO ÁLAMO – TORRE DE SÃO BRISSOS, BEJA: ABORDAGEM BIOANTROPOLÓGICA	53
Tiago do Pereiro, Nelson Almeida António Carlos Valera O RECINTO DE FOSSOS CALCOLÍTICO DA HERDADE DO ÁLAMO (SÃO BRISSOS, BEJA)	29	Anabela Sá, Ever Calvo CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA ÁREA OCIDENTAL DA LISBOA DURANTE O SÉCULO XIX: O CASO DA RUA DA PRAIA DO BOM SUCESSO Nº7 A 11	61
J.E. Márquez-Romero, J.L. Caro-Herrero, J.A. Molina-Muñoz, J.A. Camino de Miguel, J. Suárez Padilla VARIOUS CONSIDERATIONS ON THE APPROACH TO THE ARCHAEOLOGICAL COMPLEX OF PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, PORTUGAL)	37	Diana Dinis, Inês Mendes da Silva A ANTIGA FÁBRICA DO GÁS DA BOAVISTA – UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	71
Patrícia D. Monteiro, Eliana Correia, Anne Farias, Tiago do Pereiro O SÍTIO NEOLÍTICO DA AMEIJEIRA (LAGOS) NO SEU CONTEXTO REGIONAL: RESULTADOS PRELIMINARES DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE 2020-2021	43		



EDITORIAL

“Olhares Milenares”

Foi o subtítulo escolhido para a exposição sobre os Ídolos peninsulares da Pré-História Recente. Uma exposição, idealizada por Primitiva Bueno Ramírez e Jorge Soler (seus comissários), que percorreu o MARQ, em Alicante, o Museu Regional de Madrid e está actualmente no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa (até Outubro), como que recreando antigas rotas e interacções de larga escala que marcaram o 3º milénio a.C.. Uma exposição notável e que, sendo prejudicada pela pandemia que nos acompanha há ano e meio, conseguiu atravessá-la com inegável sucesso.

Evocada na capa e Editorial desta edição da Apontamentos por figurinhas oculadas antropomórficas e estilizadas dos Perdigões, esta exposição reuniu pela primeira vez um conjunto assinalável de peças de várias regiões de Espanha e Portugal. Objectos que falam ao grande público sobre antigas cosmologias do Neolítico, sobre as suas visões do mundo partilhadas, ao mesmo tempo que mostra a sensibilidade estética e a qualidade técnica destas comunidades.

Os Perdigões estiveram nela muito bem representados, com 16 peças (figuras antropomórficas, ídolos almerienses, betilo oculado, báculo, recipiente com decoração simbólica), sendo um dos expoentes da “participação portuguesa”.

Um momento marcante da investigação e da divulgação da Pré-História Recente peninsular.

António Carlos Valera

CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA ÁREA OCIDENTAL DE LISBOA DURANTE O SÉCULO XIX: O CASO DA RUA DA PRAIA DO BOM SUCESSO N.º 7 A 11.

Anabela Sá¹
Ever Calvo¹

Resumo:

O complexo industrial do Bom Sucesso, n.º 7 a 11, localiza-se a Sul do Convento do Bom Sucesso, em área contígua a esta casa religiosa e foi alvo de uma vasta intervenção arqueológica que permitiu identificar um conjunto de núcleos fabris, contribuindo para um melhor conhecimento da ocupação industrial da freguesia de Belém.

Abstract:

Contribution to the knowledge of Lisbon's western area industrialization during the 19th Century: the case of Praia do Bom Sucesso Street, 7-11.

The industrial complex of Bom Sucesso, 7-11, is located south of the Convent of Bom Sucesso, in an area adjacent to this religious house and was the subject of a vast archaeological intervention that allowed the identification of a set of manufacturing centers, contributing to a better knowledge of the industrial occupation of Belém.

1. Enquadramento e contextualização histórica

A Rua da Praia do Bom Sucesso é parte integrante da freguesia de Santa Maria de Belém, localizando-se sensivelmente na área entre o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém.

Entre 2019 e 2020, a Era Arqueologia SA realizou aqui trabalhos arqueológicos no âmbito de um empreendimento de construção de edifícios de habitação nos números 7 a 11, tendo sido efectuadas 15 sondagens prévias de diagnóstico que deram origem à escavação integral dos contextos industriais identificados, numa área de aproximadamente 2500m².

Encontrando-se em terrenos originalmente pertencentes ao Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso (classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 67/97, DR, I Série-B, n.º 301, de 31-12-1997), os imóveis em causa encontravam-se abrangidos pela sua Zona Especial de Protecção, integrando-se ainda numa zona de nível III do Plano Director Municipal de Lisboa.

Constituído durante o século XVII, este cenóbio foi fundado em terrenos dos condes de Atalaia, por doação de D. Iria de Brito, que em 1628 cedeu a sua quinta em Pedrouços para que aí se instituisse um recolhimento de monjas jerónimas, com a invocação de Santa Paula. As suas solicitações foram negadas por Filipe III de Portugal que procurou limitar o número de mosteiros e conventos, chamando a si a autorização para novas construções. Ainda que esta disposição se encontrasse firmada em cartório, o projecto original de D. Iria não se concretizou e em seu lugar foi fundada, em 1639, uma casa conventual destinada a acolher cerca de 50 freiras de nacionalidade irlandesa. O empreendimento contou com a aprovação do rei, por interferência de frei Domingos do Rosário (Daniel Dominic O'Daly, 1595-1662¹ que, na sequência da imposição do anglicanismo em Inglaterra e da consequente perseguição aos católicos, agravada durante o reinado de Isabel I, pretendia fundar em Lisboa um convento dominicano.

O Convento do Bom Sucesso começa a ser construído em 1645, sob orientação da madre superiora das freiras dominicanas, D. Madalena de Cristo e de acordo com o plano dos arquitectos régios (Freitas et alli, 1993: 52). Apresentando influências do maneirismo seiscentista, expressos no claustro e na igreja de planta octogonal, com contrafortes rematados por pináculos revestidos de azulejos azuis e brancos, a igreja ficaria concluída em 1670 e o edifício conventual em 1688.

¹ ERA Arqueologia S.A. (anabelasa@era-arqueologia.pt; evercalvo@era-arqueologia.pt)

Até finais do século XVII, apesar do importante porto do Restelo, Belém correspondia apenas a um lugar da freguesia da Ajuda, com um povoamento disperso de onde se salientam as quintas e as casas conventuais. Este panorama viria a sofrer drásticas alterações na sequência do terramoto de 1755. Destruído o palácio real bem como as principais residências, em Lisboa, das mais importantes famílias da nobreza portuguesa, assiste-se a uma deslocação da corte para a Ajuda e Belém, impulsionando e dinamizando o urbanismo nesta área.

Na primeira metade do século XIX, surgem as primeiras fábricas ou unidades fabris nos vales de Alcântara e Chelas tirando partido da energia hidráulica proporcionada pelas águas das ribeiras aí existentes. A localização privilegiada junto ao estuário do Tejo, promoveu a frente ribeirinha da cidade de Lisboa como centro privilegiado para o desenvolvimento da indústria (Santos, 2017: 25), convivendo com a ocupação residencial. A freguesia de Belém é absorvida neste dinamismo industrial em que se assiste a uma gradual substituição dos espaços rurais e edifícios conventuais por unidades industriais. (Ochoa, 2005). Este desenvolvimento encontra-se intrinsecamente relacionado com a intensificação da actividade portuária e com a criação de novas acessibilidades rodoviárias e ferroviárias.

Ainda assim, a Rua da Praia do Bom Sucesso surge com poucas construções na “Carta topographica de Lisboa”, da autoria de Duarte Fava.

Embora a informação sobre as primeiras fábricas a laborar na Rua da Praia do Bom Sucesso n.º 7 a 11 seja escassa e careça de um levantamento documental mais detalhado, foi possível reunir algumas informações relativamente a este conjunto industrial, encetado com a fundação da *Nacional Fábrica de Máquinas Movidas a Vapor*, em armazéns anexos ao Convento do Bom Sucesso. A sua construção foi iniciada em 1819 por *João Baptista Angello da Costa e Comp.ª*, e tinha como objectivo a serração, moagem, descasque de arroz, fundição e fabrico de máquinas a vapor. Terá iniciado a sua laboração dois anos depois (em 1821) utilizando, provavelmente, uma máquina a vapor do sistema *Wolf* (Martins 1994: 137). Esta unidade fabril, também associada à vidraria, seria reconhecida como a primeira fábrica a vapor de moagem (Ferreira, 1998: 272-273).

É a esta companhia que se atribui a introdução da navegação a vapor em Portugal: no ano de 1821 o “Conde de Palmella” foi o primeiro vapor a navegar no rio Tejo, seguido do vapor “Lusitano (1822)”, que inicia a navegação de Lisboa para o Porto².

A 3 de Janeiro de 1822, o *Diário do Governo* publica a seguinte nota sobre a “Fabrica Nacional Privilegiada das Maquinas de Vapor Erigida em Belem, contígua ao Convento do Bom Sucesso”:

“Bem que tenhamos adoptado o Systema de não inserimos no Corpo do Jornal outros avisos que os que dizem respeito à administração publica; julgamos dever fazer huma excepção publicando o seguinte, como huma prova do desejo que

temos de auxiliar, quanto cabe em nós, os progressos da indústria nacional, fazendo conhecer os estabelecimentos que mais se distinguem.

Na Officina de Fundição da Fabrica Nacional Privilegiada das Maquinas de Vapor Erigida em Belem, contígua ao Convento do Bom Sucesso, se fundem todas as qualidades de Peças de Ferro, e outros metaes, a saber:

Prensas para Typo, Almofarizes de Ferro, ou Bronze, de todos os tamanhos; Fogões para mar, e terra: Cabrestantes de Linguetes denominados vulgarmente de Costa para Navios de todos os lotes; ditos volantes, com os quaes servidos por dois homens se consegue o mesmo e com mais segurança do que os ordinarios servidos por 16, ou 20 homens; Guindastes fixos, e volantes de nova invenção proprios para o Serviço interno de Armazens; Pezos de Arrobação: Ferros de engomar e para sombreireiros; Parafusos de Prensas de todas as forças; Rolos para Calandras, Manilhas para condução de Aguas; Rodas de dentes, e lizas para toda a qualidade de Maquinas: Caldeiras; Chapas para Fogões de Quimica; Grelhas; Varandas para Janellas de Sacada, e para Escadas; e em suma todas as Peças assim grandes, como pequenas, que são susceptiveis de se fundirem tanto em Ferro como em Bronze; tudo por preços menores, e quando muito iguaes aos de semelhantes objectos, vindos de Fora do Reino.

Tambem ali ha outra Officina de Ferro Forjado para toda a qualidade de obra, tanto de Malho, como de Lima; e assim mais todas as munições de Guerra para Navios, Como Ballas de todos os Calibres, Piramides, Lanternetas, e outros muitos objectos tendentes à dita Officina de Serralharia, e Fundição”. (Ramos, 1993: 63).

Entre os anos de 1822 e 1828, terá sido adquirida uma nova máquina a vapor para o descasque de arroz. Nesta mesma altura assiste-se, ainda, à abertura um armazém no Largo Conde Barão, destinado à venda de todos os seus artigos manufacturados. (Martins, 1994: 138).

Há informações de que, em 1824, esta fábrica surgia como pertença de Francisco António Ferreira (Ferreira, 1998: 272), herdeiro de António José Ferreira, Cavaleiro e Comendador na Ordem de Cristo. Este pede, em 10 de Janeiro de 1825, um requerimento para juntar uma fábrica de vidro à «sua Fábrica movida por Máquinas de vapor, e Fundição de ferro, estabelecida no sítio do Bom Sucesso». No mesmo ano, a 8 de Fevereiro, requere ainda que na Alfandega se tome nota da quantidade de Carvão de Pedra que lhe está designado para a laboração das suas fábricas no Sítio do Bom Sucesso (Santana, 1973).

Em 1857, no “Atlas da Carta Topográfica de Lisboa” de Filipe Folque, esta zona aparece já edificada, representando as instalações da fábrica do Bom Sucesso, sem os dois edifícios localizados na sua extremidade SE (Figura 1 e Figura 2).

A **Fábrica de Moagem do Bom Sucesso** surge do núcleo composto inicialmente pela Nacional Fábrica de Máquinas Movidas a Vapor. É referida no registo de contribuição predial

de 1884 como “Huma propriedade, que se compõe de armazém térreo e com pavimentos, um sótão, junto ao Convento do Bom Sucesso, com frente para o Tejo e serventia pela porta nº 4” (Néu, 1998: 204). Foi ampliada em 1888 (edifício 9, Figura 2) para o lado do mar tendo-lhe sido ainda acrescentado um 1º andar ampliando a área industrial disponível.

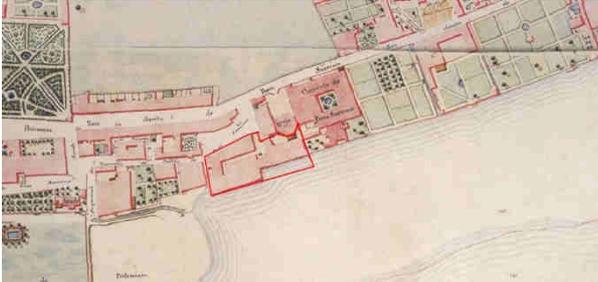


Figura 1 – Implantação dos imóveis no Atlas da Carta Topográfica de Lisboa de Filipe Folque (1856-1858).



Figura 2 – Área do projecto com os edificios existentes à data de início da obra (adaptado de LXi (cm-lisboa.pt), consulta 24/04/2021).

O crescimento da indústria constituiu um polo de atracção para a fixação de pessoas provenientes dos meios rurais. As quintas que antes existiam em Belém foram sofrendo, desta forma, sucessivos processos de loteamento, alterando radicalmente o traçado desta área. (Martins, 1994: 137). No Inquérito Industrial de 1890, existiam já em Lisboa cerca de 202 máquinas a vapor. (Alcântara, 2016). Este mesmo inquérito refere que a *Fábrica de Moagem do Bom Sucesso* empregava 42 homens e utilizava 60 CV de energia, produzindo para todo o mercado nacional (Pistola, 2009: 59). A energia utilizada provinha de máquinas a vapor e de dois geradores tubulares de vapor do sistema *Nayer & Ca*. Os proprietários ao longo do século XIX seriam: António Julião da Costa, João Pedro Carvalho da Costa e a firma Reis e Ramires (Martins, 1994:138).

Datado de 1900, foi identificado o projecto de construção do edifício localizado a nascente deste complexo (edifício 10, Figura 2). Em 1904 ter-se-á também procedido a uma obra de ampliação da chaminé da fábrica. A partir de 1907 foi consecutivamente comprada, acabando por pertencer à *Companhia Industrial de Portugal e Colónias*, posteriormente denominada *A Nacional*. Encontrou-se em funcionamento até

ao início dos anos 30 do século XX, altura em que os seus órgãos foram transferidos para outros centros produtores da empresa existentes do lado oriental da cidade (Néu, 1998: 204). No relatório de contas da *Companhia Industrial de Portugal e Colónias*, relativo ao ano de 1934 refere-se que “acham-se já incorporadas as fábricas de moagem Estrela e do Bom Sucesso nas do Beato e de Xabregas” (Néu, 1998: 204).

2. Descrição dos trabalhos e contextos identificados

O diagnóstico arqueológico contou com a implantação de um total de 15 sondagens dispersas pelas duas parcelas a afectar no âmbito do projecto. Os resultados obtidos permitiram a detecção parcial de diferentes estruturas industriais, tendo a Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC) preconizado, como medida de minimização, a subsequente escavação integral do recinto abrangido pela cave/estacionamento, no sentido de permitir o registo arqueológico dos contextos observados e, se possível, o reconhecimento de fases industriais ou construtivas.

Deste modo, no decurso dos trabalhos subsequentes dividiu-se a área em sectores, uma vez que a disposição do próprio edificado criou uma relativa independência destas realidades, separadas entre si por estruturas ou alicerces de dimensões bastante expressivas. Em cada um dos sectores foram detectadas 6 fases construtivas, sendo que 5 são industriais ou relacionadas com a construção e laboração destas unidades produtivas. Perturbações profundas ocorridas durante a reconversão destes espaços a outras funcionalidades, contribuíram para que não fosse possível estabelecer uma correspondência entre os diversos períodos construtivos dos três sectores. Consequentemente, as fases construtivas descritas nos sectores A, B e C devem ser observadas de modo independente.

Esta dinâmica de construção/desactivação de estruturas encontra-se relacionada com a necessidade de se proceder a sucessivos ajustes no espaço das fábricas, factor imprescindível para acompanhar a célere actualização tecnológica que ocorre a partir do século XIX.

2.1. Sector A

O sector A corresponde ao edificado n.º 7 (parcela nascente do projecto) e incluía os edifícios 6 a 10 (Figura 2).

A intervenção efectuada permitiu a referenciação de uma diacronia construtiva que se desenvolveu ao longo das épocas /moderna e contemporânea. A última das fases de edificação (Fase VI) corresponde à desactivação das estruturas industriais e à transformação dos edifícios da fábrica em armazéns. É representada por pavimentos (betão, betuminoso, lajes e tijoleira hidráulica) que se encontravam à superfície, aterros que cobriam grande parte das estruturas industriais, e perturbações efectuadas em fases anteriores à obra.

Quanto às fases construtivas de cariz industrial propriamente dito, neste sector foram delimitadas 4.

À Fase V correspondem uma série de intervenções que vão desde a construção do edifício 10 e sua componente industrial, até à reformulação de algumas estruturas nos edifícios mais antigos. Considerando a existência de um projecto datado de 21/05/1900, a hipótese do edifício 10 ter sido construído por volta desse ano ganha consistência. A análise deste documento possibilitou compreender que, embora concebido inicialmente com menos pisos, o prédio em questão foi efectivamente construído com a mesma traça e número de pisos que o edifício contíguo.

As acções concretizadas durante a fase construtiva imediatamente anterior (Fase IV) encontram-se relacionadas sobretudo com a fundação do edifício 9. O alicerce nascente desta construção, apresentava uma superfície toscamente alisada e regularizada com uma argola no alçado voltado para o exterior. O seu tardo não exibia quaisquer cuidados, sendo visível o aparelho formado por pedra calcária de calibre variado, ligada por argamassa saibrenta de coloração castanha, ligeiramente alaranjada. É tipológica e morfologicamente similar à parede Sul do mesmo edifício, tendo sido possível registar que a cofragem de ambas se encontrava unida.

Considerando a análise efectuada, parece-nos relevante reforçar alguns aspectos acerca desta estrutura [702]=[798]. Primeiramente, parece-nos manifesta a intencionalidade da sua construção como alicerce do edifício 9. Ainda assim, durante um período de tempo muito curto, terá funcionado como ancoradouro ou varadouro para pequenas embarcações. Se atendermos a que o rio Tejo se encontrava muito mais próximo deste complexo industrial à data de fundação desta área do sector A, estes aspectos da sua construção afiguram-se mais compreensíveis e com uma lógica funcional intrínseca.

Encontram-se também inseridas nesta fase: as estruturas industriais deste mesmo edifício, bem como os aterros que levaram à desactivação de algumas das “caixas” e estrutura de armazenamento detectados no edifício 8 e pequenas perturbações pontuais que afectaram estruturas mais antigas.

Relativamente à Fase III, parece-nos que foi a que melhor subsistiu até à desactivação definitiva das fábricas deste sector A. Encontra-se representada por uma série de estruturas semelhantes a “caixas” rebaixadas, de forma rectangular ou subrectangular que se encontram unidas por plataformas ou estruturas maciças cuja função seria, muito provavelmente, absorver as vibrações da maquinaria e proporcionar embasamento aos pavimentos originais de circulação nos edifícios 7 e 8.

Integra este momento construtivo a estrutura [670] que terá funcionado como local de depósito ou armazenamento de materiais indeterminados e que, hipoteticamente, terá sido substituída por uma construção similar, mais recente e de maior capacidade, no sector B (U.E.357).

De igual modo, as construções que corresponderão ao local de assentamento da máquina a vapor (U.E.s 607=629 e 627) e base original da caldeira (U.E. 625) deverão ser abrangidas

por esta fase construtiva. Ao procedermos à análise dos dados desta intervenção, parece-nos evidente que a localização da estrutura [625], se encontraria demasiado próxima da área de funcionamento da máquina a vapor, propiciando perdas avultadas em caso de acidente. Este facto terá contribuído para que, mais tarde, também esta fosse abandonada e substituída por um conjunto de estruturas instaladas numa nova área, mais ampla do sector B.

Relacionado com as profundas alterações e perturbações causadas pela construção deste conjunto, identificamos a U.E.803 que funcionou como um reforço do alicerce/paredão [801].

Vestígios de fases anteriores, nomeadamente da fase II, são compreensivelmente mais escassos. A acelerada necessidade de adaptação dos espaços a novas realidades tecnológicas propiciou a reconversão e desmonte de estruturas, por vezes de um modo bastante profundo. Ainda assim, salienta-se a existência de contextos integrados nesta fase construtiva, nomeadamente ao nível de alguns vestígios e alicerces do edifício 7. Uma destas estruturas, a [752], talvez fosse legítimo conjecturar que poderia eventualmente enquadrar-se numa fase construtiva ligeiramente anterior, no entanto, atendendo à ausência de elementos que reforcem esta suspeita, optamos por inseri-la na Fase II.

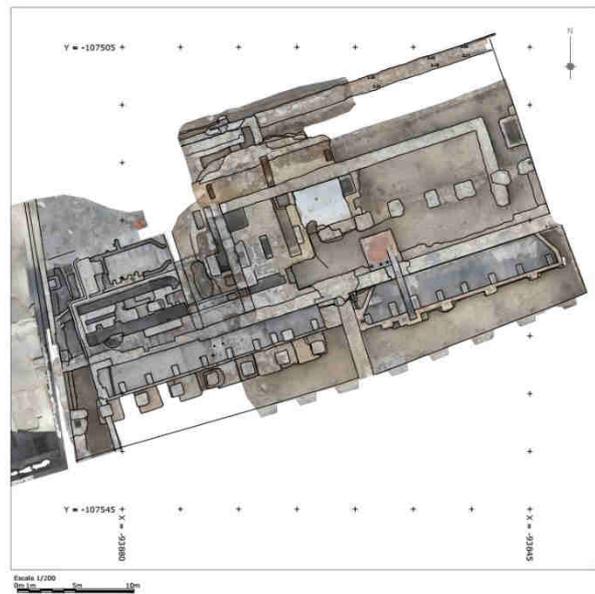


Figura 3 – Aspecto Final do sector A.

Durante o processo de escavação arqueológica, foram expostos os alicerces dos edifícios existentes tendo-se reconhecido que algumas destas construções, além da morfologia estrutural de assentamento e estabilidade do edificado, possuíam também características relacionadas com a sua localização geográfica na frente fluvio-estuarina, tendo funcionado, muito provavelmente, como paredões e ancoradouro ou varadouro para embarcações.

A fase construtiva mais antiga do complexo industrial deste sector A é representada pelas estruturas [737] e [801] (fase I),

sendo que a primeira corresponderá a uma construção de finais do século XVIII, enquanto a segunda será um seu prolongamento mais recente (inícios do século XIX).

Do ponto de vista construtivo existem várias diferenças entre as duas. Enquanto a [801] se encontra firmemente apoiada no substrato geológico de basalto, a [737] apenas assenta o alçado Sul, encontrando-se o tardo (a Norte) reforçado com madeira. Esta última estrutura também exibe uma vala de fundação bastante expressiva, observando-se a existência de vestígios taipais (madeira) relacionados com a contenção do terreno.



Figura 4 – Estrutura de frente fluvio-marítima [737].

2.2. Sector B

O sector B corresponde à parte nascente do edifício nº 9-11 e inclui a área entre os edifícios 1 a 3 (Sul), 4 (Norte) e o “corredor” entre estes.

A intervenção efectuada permitiu que se observasse uma diacronia construtiva que se desenvolveu ao longo das épocas moderna/contemporânea. A última destas fases de edificação (Fase VI) corresponde à desactivação das estruturas industriais e à transformação destes edifícios em dependências da Universidade Moderna e armazéns e é representada por pavimentos (betão, betuminoso e lajes) que se encontravam à superfície, a um lintel em betão que acompanhava as paredes nascente e Sul do edifício 1 e diversos depósitos de aterro.

Neste sector foram identificados 4 estágios construtivos de cariz industrial, correspondendo a Fase V a uma série de pequenas intervenções realizadas na área do edifício 1 e que perturbaram ligeiramente as estruturas das anteriores e, em maior escala, à construção da estrutura [357]. Esta, com aproximadamente 3m de profundidade, serviria como depósito e afectou algumas realidades anteriores. Trata-se de uma construção de planta subrectangular e forma piramidal invertida, com as paredes interiores revestidas e impermeabilizadas com cimento.

A sua construção implicou a desactivação de contextos enquadráveis na Fase IV que se encontra extensamente representada por um pavimento associado a uma estrutura abobadada com indícios de combustão. Esta apresentava

uma abertura que serviria para a sua alimentação e que interpretamos inicialmente como uma “fornalha” ou forno. Encontrava-se ligada a uma outra, quadrangular com uma abertura vertical circular e degraus de acesso interiores, pertencente à base de uma “chaminé”. No pavimento encontravam-se áreas quadrangulares rebaixadas, tipo tanques e um canal. Todas estas estruturas foram construídas como um conjunto sincrónico e assentam num espesso depósito de enrocamento em argamassa e pedra de grande calibre que se apoia numa laje em argamassa compacta e pedra. A interface de construção deste complexo cortou o substrato geológico e estruturas mais antigas, nomeadamente os alicerces [330] e [490] (Fase II).

Inicialmente, pensou-se que esta área do edifício 1 poderia ser interpretada como uma parte mais tardia do núcleo produtivo da fábrica de vidro mas, de acordo com informações recolhidas posteriormente, tudo aponta para que este possa ter sido o assentamento de uma caldeira de fase posterior à que se identificou nos trabalhos efectuados no sector A.

Enquadrando-se ainda na Fase IV mas na parte Norte do sector B, reconheceu-se um conjunto de estruturas relativas à fase final industrial do edifício 4. A sua morfologia construtiva pouco contribui para a aferição de funcionalidades mas, ainda assim, considerámos que poderão corresponder a alicerces e sapatas relacionados com compartimentações.

A Fase III surge representada por algumas estruturas, nomeadamente os alicerces que constituem o núcleo de edifícios designados como 1, 2 e 3. A poente, na extremidade Sudoeste do edifício 3, foi referenciada uma realidade que, apesar de bastante truncada e de funcionalidade desconhecida, se encontrava relativamente conservada. Apresenta-se como dois compartimentos/tanques, localizando-se um destes a Norte e o outro a Sul, aos quais se acedia por alguns degraus. Entre os tanques, uma área mais elevada, que se encontrava sob os pavimentos actuais e que apresentava uma espécie de “canal” com orientação Norte-Sul, unia as duas áreas rebaixadas (tanques). Este “canal” apresentava duas pequenas rampas em espaço muito circunscrito, uma a Este e a outra a Oeste.

No canto Sudoeste do edifício 3, um pequeno caneiro ou conduta de ventilação projecta-se do Sector C em direcção ao exterior, passando pelo sector B. A sua vala de fundação cortou estruturas de fases anteriores.

Embora não exista uma ligação física, pensamos que as estruturas desta fase poderão possivelmente estar relacionadas com as que se registaram na fase V do sector C. De facto, durante o processo de escavação do edifício 5 (sector C), observando a tipologia construtiva das suas estruturas, avançámos como hipótese que estas poderão ter sido desactivadas e a área aterrada e reestruturada, aquando da construção das estruturas identificadas nos edifícios 1 e 4. Efectivamente, na fase final deste complexo industrial, antes das obras realizadas no âmbito da transformação deste espaço em Universidade Moderna, no edifício 5 funcionaria a Moagem do Bom Sucesso³, encontrando-se ocultos os contextos detectados no âmbito do presente trabalho.

No que concerne a Fase II, foram identificadas várias estruturas localizadas na extremidade Nordeste do edifício 4 e que se inserem, nitidamente, numa primeira fase industrial deste espaço. Na verdade, a própria disposição espacial destes vestígios aponta para uma configuração não coincidente com a actual. As realidades detectadas encontram-se bastante perturbadas por construções / reestruturações posteriores. Ainda assim, foi também possível reconhecer um pavimento construído com tijoleira assente “em cutelo” (U.E.460), associado a caixas aterradas com depósitos onde surgem alguns vestígios metal e a uma estrutura quadrangular que deveria servir para apoio/fixação de maquinaria. Foi ainda identificado um canal/conduto com orientação NNE-SSW. A sua funcionalidade não é clara, podendo ter correspondido a uma estrutura hidráulica ou canal de ventilação.

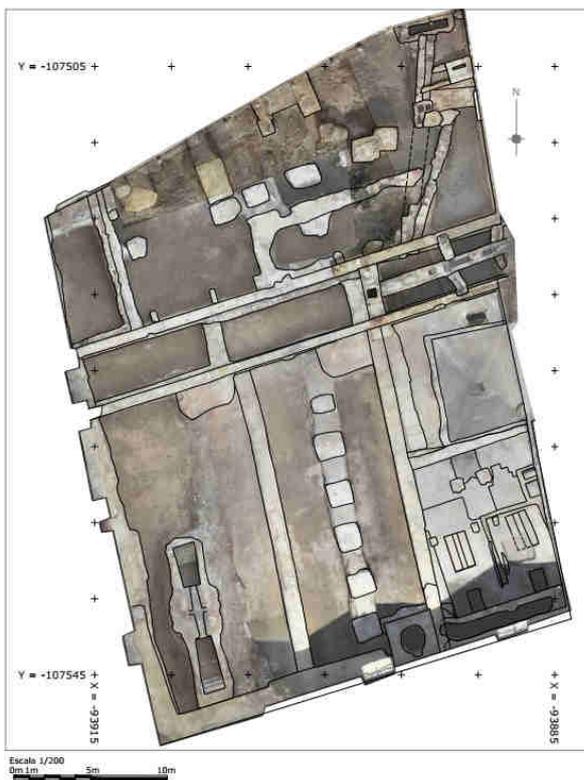


Figura 5 – Perspectiva final da área correspondente ao sector B.

Ainda nesta Fase II, enquadra-se o alicerce Sul dos edifícios 1, 2 e 3 (U.E.330) e alicerce nascente do edifício 1 (U.E.490). Estas estruturas foram profundamente afectadas pelas construções posteriores. Nos edifícios 2 e 3, foi possível registar a verdadeira espessura e dimensões do alicerce Sul, U.E.330. Trata-se de uma estrutura bastante larga e volumosa, construída para enfrentar os rigores e condições adversas de uma frente fluvio-marítima, uma vez que, como verificamos anteriormente, estes edifícios se encontravam em zona de praia, praticamente encostados pelo rio, em zona de inundações frequentes. Embora a estrutura [490], correspondente ao alicerce nascente do edifício 1 e poente dos edifícios 6 e 9 (sector A) se encontrasse bastante perturbada pela vala [336]=[434] (Fase IV), a sua tecnologia

construtiva, cronologia e sincronia com o alicerce [330] apontam para que fosse morfologicamente semelhante a este último.

No que concerne ao Sector B, na Fase I insere-se exclusivamente a estrutura [399]=[407], tardoz do embasamento do edifício 5, sector C (U.E.132). Trata-se de uma construção que serviu também como paredão de frente fluvio-marítima, com orientação Norte-Sul, registada na cartografia de Duarte Fava (1807).

2.3. Sector C

O sector C circunscreve-se ao interior do edifício 5, situado no limite poente do edificado nº 9-11 (Figura 2).

A escavação desta área permitiu que também aqui se estabelecesse uma diacronia de edificação de que constam várias fases construtivas que, como referimos anteriormente, não apresentam uma correspondência exacta com as dos outros sectores.

A última destas corresponde à Fase VI e encontra-se relacionada com obras estruturais profundas efectuadas neste edifício, nomeadamente aquando da desactivação de um forno de vidro. A cronologia destas obras deverá corresponder ainda a finais da primeira metade ou meados do século XIX, uma vez que cerca de 1878-80 o edifício em questão teria já uma aparência exterior bastante semelhante à actual. De facto, a esta fase correspondem as estruturas do actual edifício 5, em especial os alicerces ou sapatas que serviam para apoio das colunas de ferro que sustentavam os pisos superiores desta construção (U.E.002). A sua edificação causou um profundo impacto e afectação sobre todas as estruturas industriais, destruindo-as e comprometendo sobremaneira a nossa percepção das relações estratigráficas entre elas.

A Fase V, concentra sobretudo as estruturas localizadas a Sul, e que correspondem à última fase industrial da fábrica de vidro que aqui laborou desde 1825 muito provavelmente até à segunda metade do século XIX. As estruturas de contexto fabril que subsistiram eram constituídas maioritariamente por canais ou condutas, pavimentos e outras estruturas de funcionalidade indeterminada. Em algumas evidencia-se de um modo bastante particular a presença de vestígios de combustão.

Entre as construções identificadas registou-se a presença de 8 robustos maciços construídos em alvenaria de pedra não aparelhada e argamassa, dispostos em círculo na extremidade Sul do edifício 5, onde se concentram as construções relacionadas a produção. A presença deste tipo de estrutura e a sua disposição parece corresponder aos apoios ou base da enorme chaminé de um forno de vidro de produção à inglesa ou forno de cone.

Os trabalhos de escavação no edifício 5 permitiram ainda identificar um conjunto de 4 canais semelhantes a caneiros ou condutas, rematados por uma abóbada em tijolo. A Sul, registou-se a existência de dois canais de secção

quadrangular. A confluência das condutas ou canais abobadados é uma estrutura quadrangular semelhante a uma “caixa” com cerca de 2,8m/3m de profundidade.

Entre as estruturas referenciadas existem outros elementos de funcionalidade desconhecida, mas que deverão, certamente, estar relacionados com a parte subterrânea do forno de cone anteriormente referido. Com efeito, muitas apresentam vestígios de combustão, sendo evidentes os sinais de rubefacção nos tijolos e elementos pétreos que assumem uma coloração avermelhada ou cinzenta-escura.

As estruturas relacionadas com a Fase IV circunscrevem-se a alguns pequenos alinhamentos de muros localizados na parte NE do edifício 5 – estruturas [055], [059], [067]. Embora a sua funcionalidade seja pouco clara, poderão estar relacionadas com a compartimentação interna do espaço.

No que concerne a Fase III, são exemplos desta fase as estruturas situadas na parte NW do edifício 5, em particular os alicerces de compartimentação interna e um lanço de escadas que foram apenas identificadas aquando do desmonte das estruturas pois encontravam-se cobertas por espesso depósito de argamassa bastante mais recente. Aparentemente corresponderiam a um acesso às estruturas existentes na metade Sul do edifício 5, provavelmente para manutenção e limpeza.

Relativamente à Fase II, consideramos que se trata da construção dos alicerces Norte, Oeste e Sul do edifício 5.

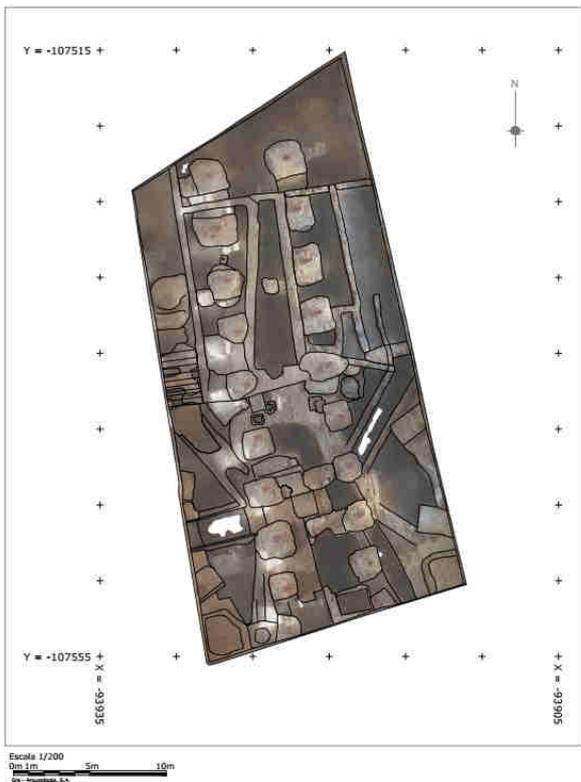


Figura 6 – Levantamento do sector C.

Na sequência do desmonte dos contextos industriais foram observadas, sob a fachada nascente, servindo de alicerce a este edifício, estruturas de grande porte (U.E.132 e U.E.131) que apresentavam a face voltada a poente revestida com silhares de calcário de forma rectangular e aspecto bujardado. Estas estruturas correspondem à Fase I da sequência construtiva do sector C, verificando-se que se são uma construção similar ao paredão detectado no sector A. Assentam directamente sobre o substrato geológico de basalto, acompanhando o desnível existente de Norte para Sul, tendo a sua construção sido adaptada a esta realidade, implicando que a mesma apresentasse um aspecto escalonado em que a Norte se regista uma menor profundidade enquanto, a Sul, o alicerce atinge quase de 3m de altura.

Do ponto de vista funcional, parece-nos evidente que esta será uma estrutura tipo “paredão” de frente marítima/fluvial com uma funcionalidade possivelmente relacionada com a defesa da linha de costa em caso da subida acentuada do nível das águas do mar.

Do ponto de vista estratigráfico esta é, manifestamente, uma estrutura pré-existente relacionada talvez com actividades de abastecimento às indústrias aqui existentes e, embora sem corroboração, colocamos como hipótese que poderia servir de ancoradouro / varadouro a embarcações que cumpriam essa função. Foi reaproveitada pela construção do edifício 5 como alicerce para a parede nascente.



Figura 7 – Estrutura de frente fluvio-marítima [132].

3. Problemáticas e linhas de investigação futuras

A escavação realizada no âmbito deste projecto permitiu concluir que, abaixo da cota dos pavimentos actuais, o grau de preservação de estruturas industriais era bastante elevado, no entanto, os sucessivos palimpsestos ocorridos na sequência da adaptação de edifícios e estruturas a novas tecnologias ou mesmo a novas funcionalidades, acarretou a uma perda de leitura quer das várias dependências e quer da sua ocupação fabril que se localizaria em níveis superiores.

Assim, as fases detectadas são essencialmente fases construtivas e de remodelação do espaço. A organização da área, relativa independência dos vários sectores, bem como a existência de perturbações ocorridas após o abandono das

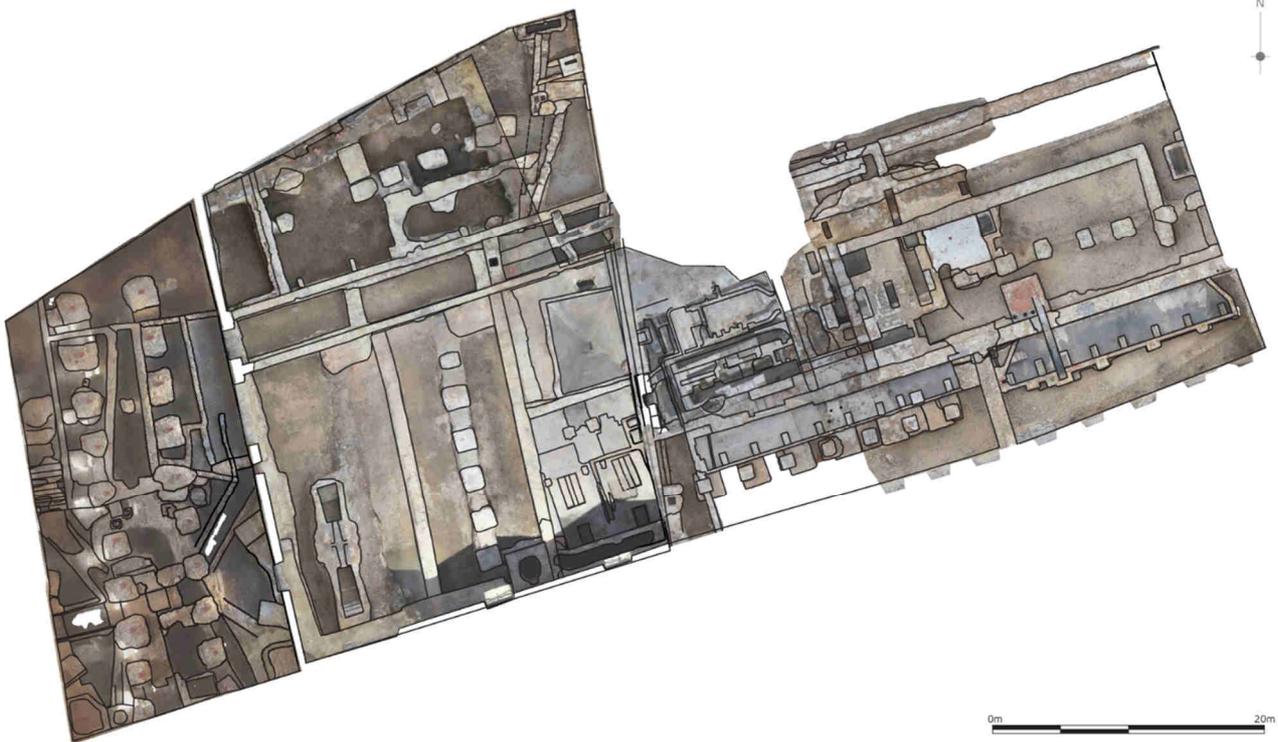


Figura 8 – Planta geral das estruturas industriais detectadas.

fábricas e sua transformação em compartimentos com utilidades diversificadas, não permitiram estabelecer uma correspondência ou articulação entre os diversos períodos construtivos dos três sectores.

Este conjunto de factores contribuíram para uma enorme dificuldade em se aferir funcionalidades para as estruturas industriais registadas. Apesar da sucessão de fases construtivas em análise, parece-nos que as realidades observadas são as que subsistiram às transformações causadas pela célere modernização tecnológica que ocorre a partir do século XIX. Supomos que poderão ter existido outras, obliteradas quase por completo durante este processo. O ulterior cruzamento de dados obtidos na escavação com recolha de documentação dispersa, poderá proporcionar novos elementos para esta investigação.

NOTAS

1 Daniel Dominic O'Daly nasceu em 1595 em Kilsarkan (Castleisland, Condado de Kerry - Irlanda). Ingressou muito jovem na ordem dominicana tendo feito a sua formação na Europa, devido às perseguições religiosas na Irlanda. Foi teólogo, historiador e diplomata ficando conhecido em Portugal como frei Domingos do Rosário. Enquanto representante da ordem dominicana, obteve de Filipe III de Portugal a autorização para estabelecer, em Lisboa, um cenóbio de freiras dominicas (Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso). O monarca deferiu estas pretensões em troca

de apoio militar irlandês contra as sublevações que se verificavam na Flandres. O'Daly regressou assim à Irlanda onde recrutou um corpo de soldados para serviço do rei de Espanha. O acordo granjeou ao convento a fama de ter sido comprado com "sangue irlandês". Após a restauração da independência, tornou-se confessor da rainha D. Luísa de Gusmão, ganhando a confiança de D. João IV que lhe atribuiu diversas missões diplomática, nas quais se inclui a negociação da ratificação da independência de Portugal junto do Vaticano. Tornou-se bispo de Coimbra tendo falecido algum tempo depois, em 1662.

2 A navegação entre Lisboa e Porto foi suspensa dois anos mais tarde (1823), após um naufrágio ao largo da Ericeira. A carreira terá sido retomada em 1825 com o "Restaurador Lusitano" que naufragou em 1832, ao serviço de D. Miguel, durante a guerra civil.

3 Informação gentilmente cedida pelo professor Doutor Jorge Custódio que visitou este complexo industrial abandonado, antes da sua transformação em Pólo das Artes da Universidade Moderna.

Referências Bibliográficas

ALCÂNTARA, A. (2016) – Uma geografia da Lisboa operária em 1890. *I Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal*. Instituto de História Contemporânea. Lisboa: 38-52
 BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*. 2 ed. [1ª Ed. 1977]. London. Batsford Book.

- CARANDINI, A. (1997) – *Historias en la tierra. Manual de excavación arqueológica*. [1ª Ed. 1981]. Barcelona. Editorial Critica.
- CÓRTEZ, Maria do Carmo (1994) – Bom Sucesso (Convento do). *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa. Gráfica Europam, Lda. Imp.: 179-181.
- CÓRTEZ, Maria do Carmo (1994) – Bom Sucesso (Sítio do). *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa. Gráfica Europam, Lda. Imp.: 181-182.
- CUSTÓDIO, Jorge (2002) – *A Real Fábrica vidros de Coína [1719-1747] e o Vidro em Portugal nos Séculos XVII e XVIII. Aspectos históricos, tecnológicos, artísticos e arqueológicos*. IPPAR. Lisboa.
- FERREIRA, J.A.C. (1998) – Um século de moagem em Portugal, de 1821 a 1920. Das Fábricas às Companhias e aos Grupos da Portugal e Colónias e da Sociedade Industrial Aliança. *A Indústria Portuguesa em Perspectiva Histórica*. Porto. CLC – FLUP: 271-283.
- FRANCO, L. F.; MONTEIRO, A. I. L. (2001) – *Jerónimos: Memórias de Cinco Séculos. Fragmentos Literários (1501-2001) / Jerónimos: Memoirs of Five Centuries. Literary Fragments (1501-2001)*. Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa.
- FREITAS, E. de; Calado, M.; Ferreira, V. M. (1993) – *Lisboa, freguesia de Belém*. Lisboa. Contexto Editora Lda.
- GOMES, A.L. (1993) – *Centro Cultural de Belém, o sítio e a obra*. Lisboa. Centro Cultural de Belém, Sociedade de Gestão e Investimento Imobiliário S.A.
- HARRIS, E. C. (1991) – *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*. [1ª Ed. 1979]. Barcelona. Editorial Critica.
- MARTINS, A. (1994) – Inventário do Património Industrial de Lisboa, Belém. *Actas de las Jornadas Ibéricas del Patrimonio Industrial y de la Obra Pública*. Sevilla. Consejería de Cultura y Medio Ambiente: 137 – 138.
- MARTINS, A.C.; SALEMA, M.H.; COELHO, A.P. (2002) – A formação de professores de História em património industrial. Notas para a construção de um percurso pedagógico interdisciplinar na base de temas em Cesário Verde, Fernando Pessoa e Eça de Queirós. *Actas do Colóquio – Literatura e História*. Universidade Aberta: 347 – 382.
- MENDES, J.M.A. (1980) – Sobre as relações entre a Indústria Portuguesa e a estrangeira no séc. XIX. *Análise social*, Vol. XVI (61-62): 31-52.
- NETO, Maria João (coord. 2006) – *Thomas Pitt. Observações de uma Viagem a Portugal e Espanha (1760) / Thomas Pitt. Observations in a Tour to Portugal and Spain (1760)*. Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa.
- NÉU, João B. M., (1998) – *Em volta da Torre de Belém, Pedrouços e Bom Sucesso*. vol. II. Lisboa. Livros Horizonte.
- OCHOA, A. R. (2005) – *Dinâmicas de crescimento em Metrôpoles Portuárias. Tensões a Oriente da Cidade de Lisboa*. On the W@ter front, nº 7.
- PIRES, A. P. S. (2004) – *A indústria de moagem de cereais: sua organização e reflexos políticos do seu desenvolvimento durante a I República (1899-1929)*. Lisboa. FCSH, Univ. Nova de Lisboa. Tese de Mestrado em História dos séculos XIX e XX (Secção do século XX).
- PISTOLA, R.J.B.J. da Silva (2009) – *Alcântara, A evolução industrial de meados do século XIX ao final da 1ª República*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa sob a orientação da Prof. Dra. Maria Fernanda Rollo.
- RAIMUNDO, Domingos de Mendonça (1994) – *Centro Cultural de Belém. Aspectos significativos da construção*. Lisboa. Centro Cultural de Belém, Sociedade de Gestão e Investimento Imobiliário S.A.
- RAMOS, Paulo de Oliveira (1989a) – Do porto do Restello, a-par-de Lisboa ao Cais de Belém. *Centro Cultural de Belém – Concurso para o Projecto*. IPPC. Lisboa: 117-122.
- RAMOS, Paulo de Oliveira (1989b) – Aspectos Patrimoniais da Zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Arquitectos: Publicação da Associação dos Arquitectos Portugueses*. Ano I. Nº1. Lisboa. AAP: 15-21.
- RAMOS, Paulo de Oliveira (1993) – Em torno de um lugar-comum: a prioridade no uso do vapor. *Arqueologia Industrial*. 2ª Série. (1-2): 63-66.
- RATTOLA, Francisco Simões (1908) – *Roteiro de Pedrouços da freguesia de Santa Maria de Belém*. Lisboa. Imprensa Luso-Africana.
- SANCHES, José Dias (1970) – Belém do passado e do presente. *Separata do jornal Ecos de Belém*.
- SANTANA, F. (1973) – *Documentos do Cartório da Junta do Comércio Respeitantes a Lisboa*. Tomo II. 1804 – 1833). CML.
- SILVA, Isabel Corrêa da.; SEIXAS, Miguel Metelo de (2009) – *Belém: monografia histórica*. Lisboa. Junta de Freguesia de Belém.
- VAZ, Lurdes (1998) – O Cais de Belém na Documentação do Arquivo Municipal de Lisboa. *Cadernos do Arquivo Municipal*. Vol. 2. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Cultura/Departamento de Património Cultural/Divisão de Arquivos.

Relatórios

PINTO, Marina (2005) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos – Praça do Bom Sucesso n.º7, 9 a 11, Belém*. Lisboa. ERA Arqueologia, S.A.

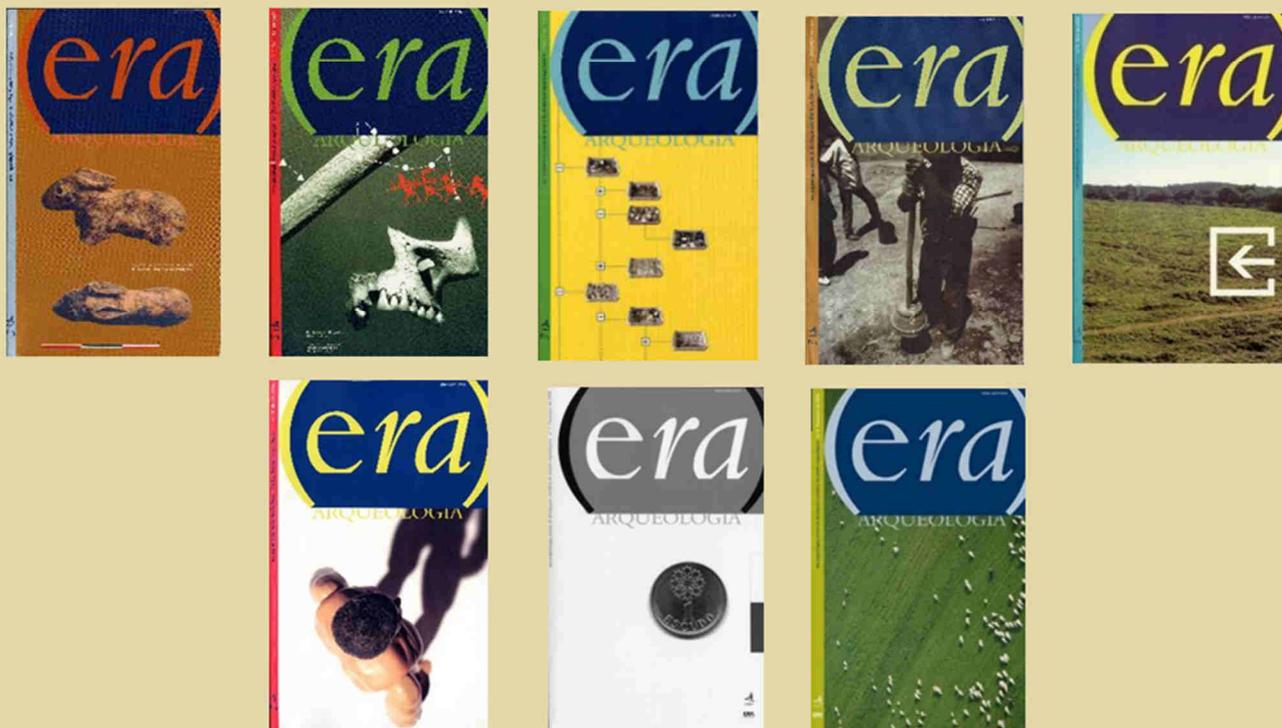
Páginas de Internet

Portal do Arqueólogo: www.dgpc.pt
IHRU (SIPA – Sistema de Inventariação para Património Arquitectónico) – <http://www.monumentos.pt>
Atlas do Património Classificado e em Vias de Classificação: <http://geo.patrimoniocultural.pt/>
Dictionary of Irish Biography - <https://www.dib.ie/biography/odaly-daniel-dominic-domingos-do-rosario-a6665>

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Série ERA Monográfica (2013 – 2021)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)



Publicação de workshops

